



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 11/09/2020 a 17/09/2020

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor Titular do PPGDR e DACEC, na UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e Bacharel em – Administração UNIJUÍ.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
11/09/2020	10,05	318,40	33,74	5,33	3,65
14/09/2020	10,19	316,20	34,28	5,48	3,57
15/09/2020	9,91	314,30	34,08	5,38	3,66
16/09/2020	10,11	320,80	34,94	5,42	3,71
17/09/2020	10,28	330,40	34,91	5,56	3,75
Média	10,11	320,02	34,39	5,43	3,67

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	
RS – Panambi	131,00	
RS – Não Me Toque	131,00	
RS – Londrina	121,50	
PR – Cascavel	121,50	
MT – C.N.Parecis	124,00	
MS – Maracaju	137,00	CIF
GO - Rio Verde	122,00	
BA – L.E.Magalhães	120,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	62,00	CIF
Porto de Paranaguá	57,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	55,00	
SC – Rio do Sul	53,00	
PR – Cascavel	50,00	
PR – Londrina	50,00	
MT – C.N.Parecis	48,00	
MS – Maracaju	48,00	
SP – Itapetininga	58,00	
SP – Campinas	62,00	CIF
GO – Rio Verde	50,00	
GO – Jataí	50,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	58,00	
RS – Não Me Toque	57,00	
PR – Londrina	64,00	
PR – Cascavel	65,00	

Período: 16/09/2020

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da Notícias Agrícolas.

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 17/09/2020**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	52,68	130,74	58,09

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
17/09/2020**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	99,91
Feijão (saco 60 Kg)	225,03
Sorgo (saco 60 Kg)	41,60
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,32
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,85**
Boi gordo (Kg vivo)*	7,20

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Agosto/20 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, romperam definitivamente o teto dos US\$ 10,00/bushel nesta semana, sendo que o primeiro mês cotado, que agora passa a ser novembro, fechou a quinta-feira (17) em US\$ 10,28/bushel, contra US\$ 9,85 uma semana antes. Esta cotação, para o primeiro mês, é a mais alta desde o dia 29 de maio de 2018. Registre-se que os derivativos estão ajudando a puxar estes preços, já que o farelo bateu em US\$ 330,40/tonelada curta neste dia 17/09, cotação que não era vista desde o dia 24 de março passado. Enquanto isso, o óleo de soja bateu em 34,94 centavos de dólar por libra-peso no dia 16/09, algo que não era registrado desde o dia 02 de janeiro do corrente ano naquela Bolsa. No caso do grão, Chicago apresentou 14 dias úteis de altas consecutivas entre os dias 25/08 e 14/09, estabelecendo o mais longo período consecutivo de altas nos últimos 40 anos.

Dois continuam sendo os principais motivos deste movimento, além da presença dos Fundos na ponta compradora. Em primeiro lugar, o clima nos EUA às vésperas da colheita, o qual levou o USDA, em seu relatório do dia 11/09, a reduzir a safra estadunidense, assim como os estoques finais para o ano comercial 2020/21. Em segundo lugar, a continuidade da forte demanda chinesa, agora mais presente no mercado norte-americano já que a disponibilidade de soja na América do Sul diminuiu consideravelmente a partir do início de setembro.

No que diz respeito ao relatório de oferta e demanda do USDA, o mesmo apontou uma produção final nos EUA de 117,4 milhões de toneladas, reduzindo em três milhões de toneladas o projetado em agosto. Já os estoques finais estadunidenses, para o atual ano comercial 2020/21, ficariam em 12,5 milhões de toneladas, com redução de 4,1 milhões de toneladas em relação a agosto. É bom lembrar que os estoques finais deste último ano, 2019/20, ficaram em 15,6 milhões de toneladas, mesmo diante de uma safra frustrada no ano passado que alcançou apenas 96,7 milhões de toneladas. Nestas condições, o preço médio ao produtor de soja estadunidense, neste novo ano comercial, subiu em projeção para US\$ 9,25/bushel, contra US\$ 8,35 em agosto e US\$ 8,55 na média de 2019/20.

Por outro lado, o relatório indicou uma produção mundial de soja em 369,7 milhões de toneladas, com uma redução de menos de um milhão de toneladas em relação a agosto. Os estoques finais mundiais ficariam, neste novo ano, em 93,6 milhões de toneladas, com redução de quase dois milhões de toneladas sobre o projetado em agosto. A safra nova brasileira foi aumentada para 133 milhões de toneladas, enquanto a da Argentina permaneceu em 53,5 milhões de toneladas. Já as importações de soja por parte da China, em 2020/21, foram mantidas em 99 milhões de toneladas, após 98 milhões no ano anterior.

Além disso, as condições das lavouras de soja nos EUA, no dia 13/09, indicavam 63% entre boas a excelentes (dois pontos percentuais mais baixo do que a semana anterior), 26% regulares e 11% entre ruins a muito ruins.

Por sua vez, as exportações estadunidenses de soja, neste início do novo ano comercial, estão 49% acima do registrado no mesmo período do ano anterior. Os embarques da semana anterior atingiram a 1,28 milhão de toneladas, ficando dentro do esperado pelo mercado. Na semana encerrada em 03/09 as exportações

estadunidenses atingiram a 3,16 milhões de toneladas para a safra 2020/21, sendo que 1,59 milhão de toneladas foi comprado pela China.

Enquanto isso, a Associação Nacional de Processadores de Oleaginosas dos EUA informou o esmagamento, em agosto, de 4,49 milhões de toneladas de soja naquele país. O volume ficou dentro das expectativas do mercado. Em julho este esmagamento ficou em 4,7 milhões de toneladas.

E no Brasil, com o vazio sanitário encerrado nesta semana no Mato Grosso e no Mato Grosso do Sul, o plantio começa a ocorrer nestes Estados. O mesmo se inicia com preocupações em relação a falta de chuvas. No Mato Grosso do Sul ele começa com 45% da futura safra já vendida antecipadamente, enquanto a área esperada deve aumentar 7,6%, passando a 3,64 milhões de hectares. Com isso, a produção local, em clima normal, poderá alcançar a 11,6 milhões de toneladas (270.000 toneladas acima do registrado no ano passado), com uma produtividade média ao redor de 53 sacos/hectare. O forte do plantio se dará em outubro. O custo de produção local deverá aumentar em 6% sobre a safra anterior, com as sementes subindo 15%. Enfim, 70% do que o Mato Grosso do Sul produziu na última safra foi exportado para a China. (Cf. Aprosoja/MS)

Por outro lado, segundo Safras & Mercado, as exportações totais de soja pelo Brasil, neste ano comercial, deverão fechar mesmo em 82,5 milhões de toneladas, contra uma previsão inicial de 77 milhões de toneladas. Lembrando que o recorde histórico exportado foi de 83,3 milhões de toneladas em 2018. Já o esmagamento de soja no Brasil alcançaria 44,5 milhões de toneladas neste ano, contra 43,4 milhões no ano anterior. Diante disso, os estoques finais brasileiros no ano ficarão abaixo de 500.000 toneladas, sendo mais um fator de pressão altista sobre os preços.

Ao mesmo tempo, 47% da safra total esperada no Brasil já estaria comercializada (este percentual varia entre 47% e 51% conforme a fonte). No ano passado o percentual era de 24,5% apenas, enquanto a média dos últimos cinco anos é de 22,1%. Corretamente, os produtores estão aproveitando os excelentes preços praticados neste momento no país. Já a safra passada está com 97% comercializada, contra 87% na média dos últimos cinco anos. (cf. Datagro)

Neste contexto, mesmo com o câmbio recuando para níveis de R\$ 5,25 por dólar, os preços voltaram a subir no país, puxados pela forte demanda externa e interna. Assim, a média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 130,74/saco, enquanto nas demais praças os preços médios assim ficaram: R\$ 121,50 no norte e oeste do Paraná; R\$ 124,00 em Campo Novo do Parecis (MT); R\$ 137,00 no CIF Maracaju (MS); R\$ 122,00 em Rio Verde (GO); e R\$ 120,00/saco em Luís Eduardo Magalhães (BA).

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago igualmente subiram nesta semana, puxadas pelos números apontados no relatório de oferta e demanda do USDA, no dia 11/09. O bushel do cereal, para o primeiro mês cotado, fechou a quinta-feira (17) em US\$ 3,75, contra

US\$ 3,57 uma semana antes. A atual cotação não era vista desde o dia 11 de março passado.

O relatório do USDA apontou uma safra de 378,5 milhões de toneladas nos EUA, a qual começa a ser colhida. Isso representa um recuo de quase 10 milhões de toneladas em relação ao apontado em agosto. Ao mesmo tempo, os estoques finais estadunidenses recuam para 63,6 milhões de toneladas em 2020/21, com recuo de quase sete milhões de toneladas sobre o indicado em agosto. Com isso, o preço médio ao produtor estadunidense de milho, neste novo ano comercial, fica projetado em US\$ 3,50/bushel, contra US\$ 3,10 em agosto.

Por sua vez, o relatório apontou uma safra mundial de milho em 1,162 bilhão de toneladas, com um recuo de nove milhões de toneladas sobre agosto. Neste contexto, os estoques finais mundiais ficariam em 306,8 milhões de toneladas, com recuo pouco superior a 10 milhões de toneladas. A produção do Brasil está projetada em 110 milhões de toneladas, enquanto a da Argentina em 50 milhões de toneladas. O Brasil deverá exportar 39 milhões de toneladas de milho em 2020/21, segundo o relatório.

A colheita do cereal nos EUA atingia a 5% da área no dia 13/09, ficando dentro da média histórica. Enquanto isso, do que restava colher, 60% apresentavam condições entre boas a excelentes (dois pontos percentuais abaixo da semana anterior), 25% regulares e 15% entre ruins a muito ruins.

Por outro lado, na China, que já estava com projeções de uma produção local abaixo da demanda, tempestades importantes neste últimos dias levaram as autoridades a projetarem uma safra ainda 10 milhões de toneladas menor. Ou seja, os chineses deverão importar bem mais milho do que se esperava inicialmente. Lembrando que a China é o segundo maior consumidor de milho do mundo. A produção local de milho tende a ficar entre 240 e 250 milhões de toneladas após estas intempéries.

Na China, a indústria das carnes está se recuperando rapidamente dos efeitos da pandemia, fato que exige mais quantidade de ração animal, ou seja, soja e milho. Isso explica a enorme demanda chinesa por estes insumos neste ano, sustentando os preços mundiais, particularmente os da soja, sendo que para os chineses o milho no mercado mundial ainda está barato.

Já na Argentina, a colheita da última safra de milho está encerrada sobre os 9,5 milhões de hectares. Ao mesmo tempo, as chuvas da última semana melhoraram o quadro para o plantio da nova safra, estando este perto de 10% da área total esperada.

Aqui no Brasil, os preços do milho subiram um pouco, havendo locais onde se estabilizaram e, em algumas regiões, até recuaram. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 52,68/saco, contra R\$ 51,38 uma semana antes. Nas demais praças nacionais os preços assim ficaram: R\$ 53,00 na região central de Santa Catarina; R\$ 50,00 no Paraná; R\$ 48,00 em Campo Novo do Parecis (MT) e Maracaju (MS); R\$ 50,00 em Goiás; R\$ 58,00 em Itapetininga (SP); e R\$ 62,00/saco no CIF Campinas.

Por sua vez, o Indicador ESALQ/BM&FBovespa, tomando por base a praça paulista de Campinas, apontou que houve recuo no preço do milho entre os dias 4 e 11 de setembro, acumulando em setembro uma redução de 3,69%, ao fechar o dia 11/09 em

R\$ 58,99/saco. Enquanto isso, na B3 paulista o vencimento novembro ficou em R\$ 60,21/saco no início do pregão deste dia 17/09, enquanto janeiro registrava R\$ 60,70, março R\$ 59,80 e maio R\$ 56,95/saco.

Em termos de comercialização, a última safra de verão do Centro-Sul brasileiro atingia a 94% do total no início da corrente semana, contra 86% na média dos últimos cinco anos. Já a safrinha 2020, na mesma região, chegou a 76% negociada na mesma data, contra 67% da média histórica neste período. (cf. Datagro)

Em termos de exportações, a SECEX informou que nos primeiros oito dias úteis de setembro o Brasil exportou 3,07 milhões de toneladas de milho, atingindo a 47,4% do total exportado em agosto. A média diária em volume atingia 25,3% acima do registrado em setembro de 2019. A tonelada foi exportada a um preço médio de US\$ 166,30. O mercado espera que a China venha mais às compras, podendo adquirir um total entre 10 a 15 milhões de toneladas ainda em 2020, porém, seria produto essencialmente dos EUA, cuja a nova safra começa a ser colhida. Nas atuais condições, os chineses caminham para importar, até 2025, algo em torno de 50 milhões de toneladas de milho anuais, caso sua produção local não aumentar.

Em termos regionais, a colheita da safrinha está igualmente quase encerrada no Mato Grosso do Sul, com a produção local podendo superar as 8,6 milhões de toneladas inicialmente estimadas, em função da melhor performance das lavouras do Norte e Nordeste daquele Estado. Os produtores locais já teriam negociado 61% da safrinha, sendo que o preço médio local recuou na última semana, ficando em R\$ 47,50/saco. Mesmo assim, muito acima da média do ano passado, que foi de R\$ 27,56/saco. (cf. Famasul)

Em Goiás também os preços médios recuaram na semana anterior, com o valor médio fechando o dia 11/09 em R\$ 47,90/saco. No geral as negociações têm ficado entre R\$ 45,00 e R\$ 50,00 no Estado. Já a safra futura ficou em R\$ 39,33/saco. (cf. Ifag)

No Paraná, 94% das lavouras estavam colhidas do milho safrinha até o dia 14/09, enquanto a safra de verão do cereal estava semeada em 24% da área esperada. Por enquanto, 87% das lavouras estão em boas condições.

E no Rio Grande do Sul, com as lavouras atingidas pelas geadas no final de agosto conseguindo se recuperar em sua maioria, o plantio de verão continua avançando. Entretanto, uma forte chuva de granizo em parte do Noroeste do Estado, no dia 16/09, pode ter provocado estragos importantes nas lavouras de milho locais.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago oscilaram durante a semana dentro de um patamar semelhante as semanas anteriores, porém, o viés também é de alta. O fechamento desta quinta-feira (17) ficou em US\$ 5,56/bushel, contra US\$ 5,40 uma semana antes.

O relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado no último dia 11/09, não trouxe novidades para o trigo. Nos EUA a produção para 2020/21 permaneceu estimada em 50 milhões de toneladas, enquanto seus estoques finais foram mantidos em 25,2

milhões de toneladas. Com isso, o preço médio aos produtores estadunidenses do cereal permaneceu em US\$ 4,50/bushel para o este novo ano comercial, contra US\$ 4,58 no ano anterior.

Em termos mundiais, o relatório apontou uma safra total de 770,5 milhões de toneladas, com um crescimento de 4,5 milhões de toneladas sobre a projeção de agosto. Já os estoques finais mundiais ficariam em 319,4 milhões de toneladas, com crescimento de quase três milhões de toneladas sobre agosto. A produção da Argentina foi reduzida para 19,5 milhões de toneladas, enquanto a brasileira veio para 6,6 milhões (este número, considerando as perdas pela geada e granizo nas últimas três semanas, estaria superestimado em nosso entender).

Em paralelo, as exportações estadunidenses de trigo, na semana encerrada em 3 de setembro, alcançaram 484.400 toneladas para o ano 2020/21. Este volume representa um recuo de 14% sobre a média das quatro semanas anteriores. Os principais compradores do trigo estadunidense, na semana, foram as Filipinas, com 123.100 toneladas, e o Japão com 116.500 toneladas. O volume total exportado na semana ficou dentro das expectativas do mercado.

Por sua vez, na União Europeia a produção de trigo deverá atingir a 129,3 milhões de toneladas. Esse volume é melhor do que o anunciado em agosto. Considerando que a demanda local fique em 111,2 milhões de toneladas, os estoques de passagem no bloco chegariam a 13,4 milhões de toneladas no final de 2020/21, já computando as exportações.

Aqui no Brasil, os preços do trigo se mantiveram firmes. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 58,09/saco, enquanto no Paraná o produto ficou cotado entre R\$ 64,00 e R\$ 65,00/saco.

Tais preços se mantêm mesmo com o Paraná já tendo colhido 11% de sua área. As perdas em volume e qualidade, devido as intempéries tanto no Paraná quanto no Rio Grande do Sul, seguram os preços para o produto de qualidade superior. Assim, também os derivados do trigo, como a farinha e o farelo, se mantêm elevados.

No Rio Grande do Sul, onde se estima uma quebra de safra ao redor de 30% devido as geadas do final de agosto, intensa chuva de granizo em parte da região Noroeste do Estado, no dia 16/09, aumentou as perdas locais. No Estado, 70% das lavouras estão em floração e enchimento de grãos. Diante disso, a produção gaúcha de trigo deverá ficar em 2,2 milhões de toneladas, contra as 3 milhões inicialmente previstas. E isso sem contabilizar a perda de qualidade de parte do produto a ser colhido. Antes da geada, segundo a Fecoagro, o Estado tinha quase um milhão de toneladas já vendidas.

A novidade que surgiu na semana é que o Ceará, em lavouras experimentais de trigo, produziu 9 toneladas do cereal, significando uma produtividade média acima do obtido no sul do Brasil. O resultado foi considerado surpreendente, pois se considerava impossível a produção de trigo em solo cearense segundo a Embrapa.

Uma das vantagens desta produção foi o tempo curto entre o plantio e a colheita. O ciclo de produção teve uma duração de apenas 75 dias no Ceará, enquanto nas

regiões produtoras tradicionais do Brasil, caso do Rio Grande do Sul, o ciclo varia entre 140 e 180 dias. A ideia agora é fazer experimentos também no Maranhão e no Piauí.

Se tal produção avançar, gerará um problema adicional para o escoamento do trigo paranaense e gaúcho, já que o Nordeste brasileiro importa quase 100% do trigo que consome, especialmente da Argentina, EUA, Canadá, Rússia e Uruguai, além de produto nacional.

Enfim, na última semana o Brasil importou mais 30.800 toneladas de trigo duro vermelho de inverno dos EUA, perfazendo no ano um total de 603.900 toneladas deste produto estadunidense. Somando as 33.600 toneladas de trigo macio vermelho de inverno dos EUA, o total importado deste país norte-americano atinge 637.500 toneladas no corrente ano. Estes fornecedores de fora do Mercosul estão sendo beneficiados, desde junho, pelo fato de que o Brasil acrescentou mais 450.000 toneladas de trigo, na cota possível de importar de fora do bloco sem a Tarifa Externa Comum (TEC). Assim, o volume total isento desta tarifa, até novembro, é de 1,2 milhão de toneladas.

Por sua vez, nos primeiros oito meses do ano o Brasil importou outras 3,8 milhões de toneladas de trigo da Argentina. Além disso, vieram 143.000 toneladas do Paraguai, 131.000 toneladas do Uruguai, 51.500 toneladas da Rússia e 50.000 toneladas do Canadá. Assim, somando tudo, o Brasil já comprou no exterior um total de 4,81 milhões de toneladas neste ano. A estimativa, diante da nova quebra de safra nacional, é que o Brasil importe entre 6,5 a 7 milhões de toneladas de trigo em 2020. Especialmente porque a demanda interna por farinhas e derivados cresceu bastante durante este período de pandemia provocado pela Covid-19.